

A Professora Gram-Boa em Lisboa



História e Ilustração

Helena Ponte

Conteúdos

Helena Ponte e Ana Silva

Revisão

Professora Doutora Maria do Céu Machado



Infarmed

Autoridade Nacional
do Medicamento
e Produtos de Saúde, I.P.

2017

No “painel das chegadas” do aeroporto da Portela, acendeu-se de repente outra luz verde. Daquelas que, sempre que um avião aterriza, ficam a piscar à frente do nome do sítio de onde ele veio. Aquele chegava da Bacterilândia, o país das bactérias. E que gostavam tanto, mas tanto, de viajar, que andavam sempre a passear. Dando voltas e voltas, para conhecer novos mundos. Outras espécies de seres vivos!

Só nesse dia, já tinham chegado mais de cem aviões a abarrotar de bactérias, vindas de todo o lado! Talvez por causa da conferência que ia haver em Lisboa sobre «Saúde e Paz».



Neste último avião vinha a Professora Gram-Boa, bactéria muito famosa da Bacterilândia, para falar nessa conferência sobre o convívio das bactérias com as pessoas e os animais. E esperava ter a sala cheia, já que era um

assunto que a todos interessava. Trazia consigo a sua mascote, de quem nunca se afastava: uma cadelinha Lulu da Pomerânia, de longo pelo dourado e um enorme laçarote cor-de-rosa com bolinhas brancas ao pescoço. Era a Bacilita que adorava passear... mas ao colo da dona porque detestava sujar as patas felpudas- dizia ela. Embora do que gostasse mesmo era de bisbilhotar tudo muito bem do alto do colo da dona.



A Professora Gram-Boa vinha desejava para ver o céu de Lisboa que, lhe tinham dito, era do azul mais bonito do mundo, mesmo no inverno.



Devia fazer muito frio lá fora e por isso trazia um enorme sobretudo a arrastar pelo chão e uns óculos escuros, enormes, que colocava na cabeça como uma tiara de rainha, para tirar a franja dos olhos.

Enquanto esperava pelas malas de viagem, e que eram mais de dez, reparou que também já ali estava à espera, o seu ilustre colega, o Professor Gram-Mau, bactéria malvada que conhecera nos bancos da escola, quando eram ambos bactérinhas. E nunca foram amigos, apesar de a Professora Gram-Boa procurar sempre a paz.



O aspeto dele era sinistro! Trazia sempre um capacete da tropa na cabeça e uns óculos grossos, como os de ski, que ele usava para ver melhor. Além disso, era muito grande e curvado e o queixo quase lhe tocava na testa, sempre franzida.

O Professor Gram-Mau era uma bactéria tão maléfica, que conseguia adoecer qualquer ser vivo... até num simples aperto de mãos...desde que não estivessem bem lavadas, claro!



A Professora Gram-Boa ainda se lembrava daquela vez, horrorosa, na quinta pedagógica, onde tinha ido numa visita de estudo com os seus alunos e outras turmas de bactérinhas.



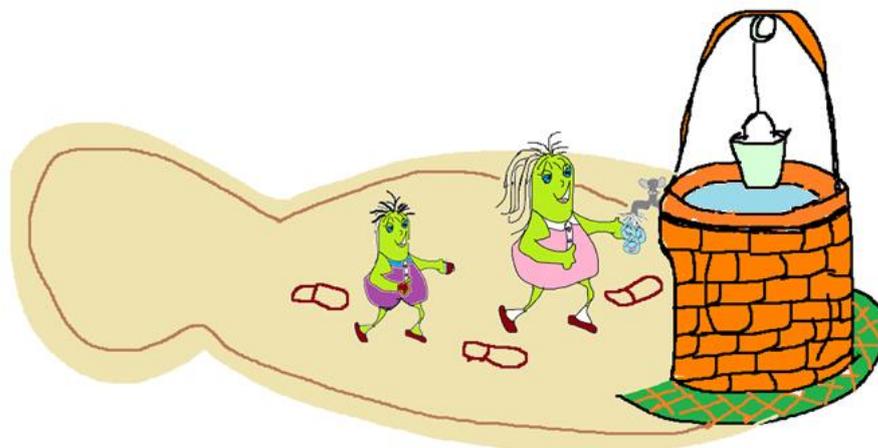
Todas muito turbulentas! Mas sem comparação com os alunos do Professor Gram-Mau...

Muito mal comportados! Saltavam e espirravam uns por cima dos outros. Tocavam em tudo e em todos. Sobretudo nos animais que ali viviam e também nas crianças que também lá estavam para se divertir.



A Professora Gram-Boa ainda lhes disse – Cuidado! Não se agarrem nem se empurrem tanto, que ainda se magoam!

E não se esqueçam de lavar muito bem as mãos quando acabarem de brincar! Sobretudo antes de comer!



Mas foi a mesma coisa que nada!



Mal se atiraram à mesa enorme de coisas boas que ali estavam só para eles, lambuzaram-se todos, fizeram um chiqueiro tal, que no dia seguinte alguns deles estavam doentes em casa. E nem os leitõezinhos, nem as bactérinhas boas escaparam.

Só os alunos do Professor Gram-Mau se sentiam fortes e prontos para novas tropelias. Apesar de umas nódoas negras aqui e ali.



Uma desgraça! - relembra a Professora Gram-Boa.

Até o dono da quinta estava adoentado com o reboliço das batérinhas à solta.

Quando o médico-veterinário lá chegou, para ver os leitõezinhos que tinham deixado de comer, logo lhe disse – Oh! Senhor Quintas, também tem de ser visto por um médico! Senão nunca mais nos vemos livres disto!



“Isto” era a doença que as bactérinhas más tinham provocado, naquela brincadeira, ao Sr. Quintas e aos leitõezinhos.

A Professora Gram-Boa sabia desta trapalhada toda, porque conhecia bem o médico e o médico-veterinário que tinham estado na quinta pedagógica

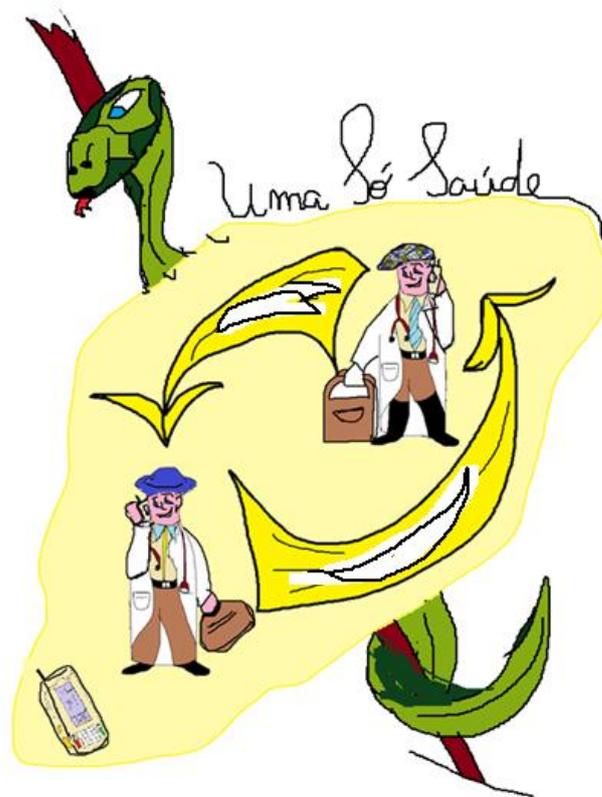
para acudir a tanto estrago. Eram os irmãos Antibióticos!



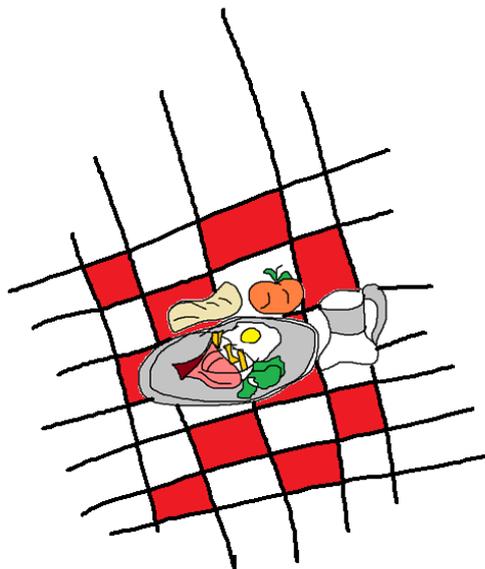
Muito eficientes, gostavam de curar, com segurança, toda a gente. A menos que os doentes trocassem tudo o que eles diziam nos seus rótulos, porque nesses casos podia correr tudo pelo pior. Mas daquela vez não foi assim.

O Dr. Antibióticovéte tinha chegado à quinta pedagógica antes do irmão e logo lhe mandou um SMS que dizia assim: Vem depressa, que o Sr. Quintas pode estar a precisar de ti!

E daquela vez estava mesmo.

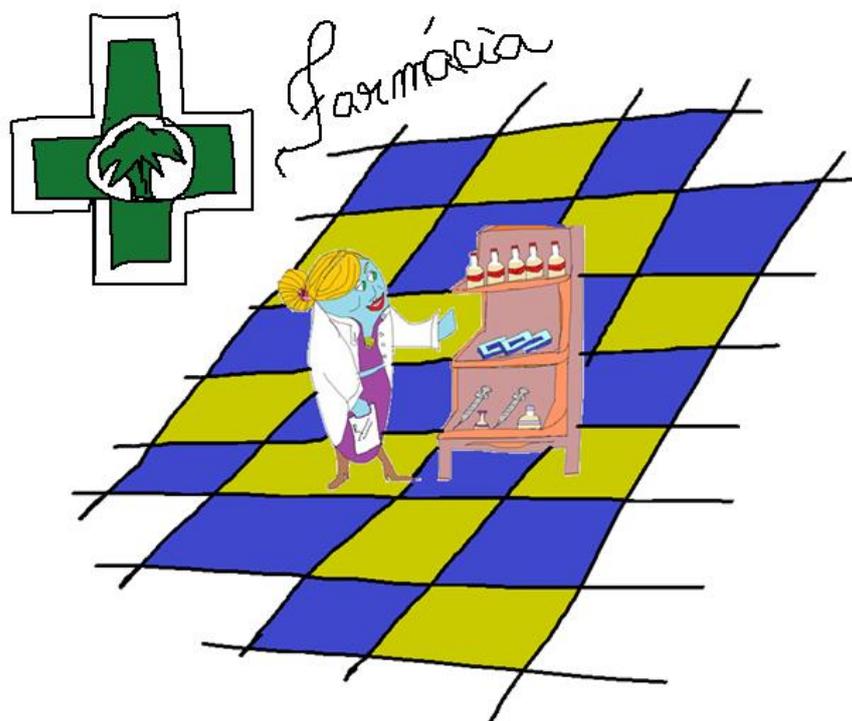


Também já tinha acontecido não precisar. Como numa ocasião em que o Sr. Quintas tinha estado de cama e, ao vir vê-lo, o Dr. Antibióticomano lhe disse – Não saia à rua nestes próximos dias, Sr. Quintas! Tome estes remédios apenas se sentir dor de cabeça, beba muita água e coma bem!



Vai ver que não vai precisar de mim desta vez, porque o senhor tem gripe!
E não se tomam antibióticos nas gripes nem nas constipações. E assim foi.
Mas desta vez era bem diferente. Aquelas bactérinhas más eram mesmo traquinas e tinham ido longe demais na brincadeira. E tanto assim foi que, quer o Dr. Antibióticomano quer o seu irmão, o Dr. Antibióticovéte tiveram de passar receitas de Antibióticos, para a mulher do Sr. Quintas ir aviar na farmácia. Onde escreveram exatamente como aqueles medicamentos iam ser tomados, tanto pelo Sr. Quintas, na receita do Dr. Antibióticomano, como pelos leitõezinhos, na receita do Dr. Antibióticovéte.

- E já sabe, Sr. Quintas – avisaram os irmãos médicos - se não fizer tal e qual como nós dizemos, para a próxima vez pode ser terrível!... Olhe, e se sobrar, não se esqueça de devolver os restos à Dra. Drageia, na farmácia.



Uns brutamontes! – pensou ainda revoltada a Professora Gram-Boa, pela bela trapalhada que tinha sido aquele passeio.

A partir daí, evitava sempre saídas conjuntas com as turmas do Professor Gram-Mau. E de repente, ali em Lisboa, numa terra tão distante, lá estava ele, à sua frente, para quase de certeza ir também à conferência.

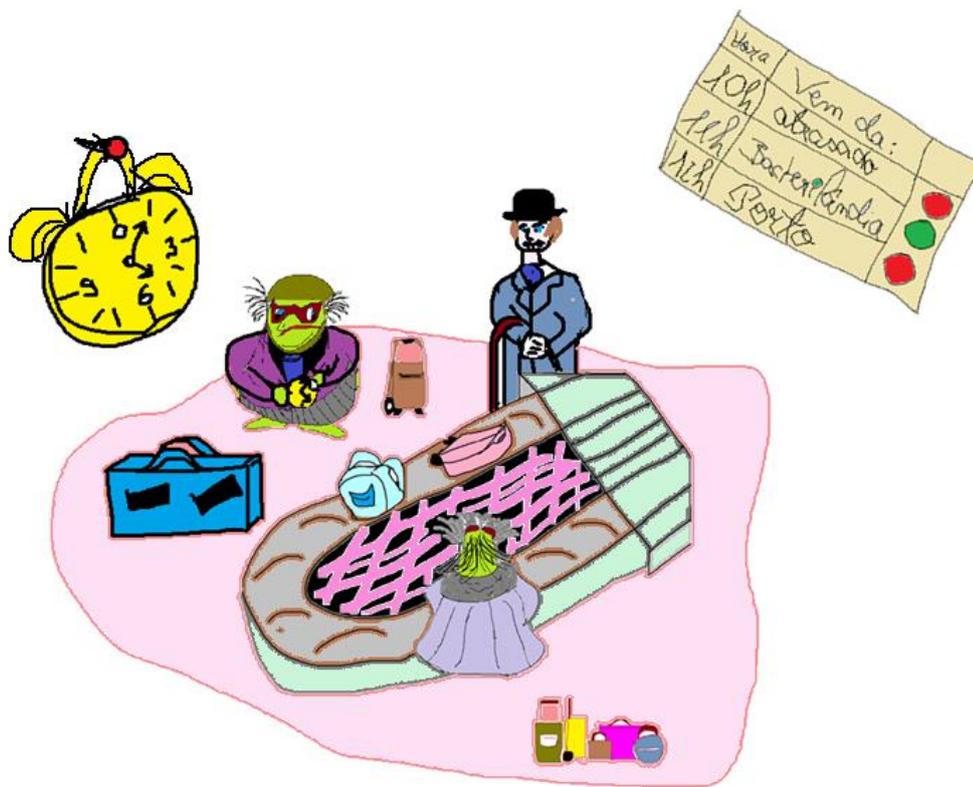
- Que paciência a minha! – bufava ela, tentando não dar muito nas vistas, enquanto o “malcriadão” fingia que não a via.

- Só espero que não tenha trazido também os alunos dele e que andem por aí à solta pelo aeroporto– lembrou a Professora Gram-Boa, com um arrepio

Facto era que os seus alunos, as bactérinhas boas, eram diferentes. E só se portavam mal, se as bactérinhas más as arrastassem para o mal, o que volta e meia acontecia, para grande tristeza sua.



E as suas bactérias boas, também se tornavam más.



A Professora Gram-Boa, já com as dez malas e a pensar no banho relaxante de três horas, saiu dali para fora.

Mas não sem antes:

- Boa tarde Sra. Bactéria Gram-Boa - disse o Inspetor Sefe, com o nome numa chapinha pendurada do bolso do seu casaco, enquanto lhe devolvia, delicadamente, o passaporte que lhe pedira momentos antes para ver –
Seja Bem-vinda a Lisboa!



Posso perguntar-lhe o que vem cá fazer?

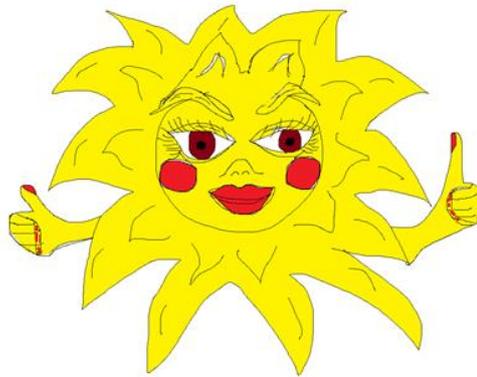
A Professora Gram-Boa sabia que era costume estas perguntas, para controlar quem entra e sai do país, e não por serem cuscos ou assim! – venho falar numa conferência sobre «Saúde e Paz» que vai haver amanhã no Centro de Congressos – respondeu ela.

- É do que todos mais precisamos no mundo - disse logo muito interessado, o Inspetor Sefe! – dando ânimo à Professora Gram-Boa para continuar - o título da minha palestra é «Antibióticos e Bactérias: Sim é possível!».

E teria muito gosto em vê-lo na conferência amanhã, com a sua família e os seus animais de companhia Sorriu o Inspetor Sefe – e amanhã lá estarei. Na

primeira fila com os meus filhos e com o Kókus, o nosso coelho de
estimação!

A Professora Gram-Boa ainda gritou – Excelente! - mas não sabe se ele a
chegou a ouvir, porque já corria, para sentir o caloroso sol de Lisboa.



FIM